



## Sob o véu da linguagem: desafios e impasses no estudo das identidades

**Jaime Santos Júnior**

Universidade de São Paulo

jaimesjr@usp.br

### Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre os impasses e desafios metodológicos em pesquisas que abordam o tema das identidades. Não se trata de confrontar diferentes perspectivas teóricas, antes, porém, o que se pretende é analisar o alcance e o potencial explicativo dos recursos metodológicos empregados nas pesquisas empíricas sobre o referido tema. Para nutrir essa reflexão usamos como exemplo os resultados de uma pesquisa de campo ainda em andamento e que tem como objetivo: analisar a constituição de identidades entre trabalhadores sazonais do corte da cana de açúcar no Brasil. Apesar da especificidade do contexto de trabalho analisado, que é rural, precário, sazonal e que motiva migrações para outros estados; o intuito aqui é o de problematizar o desenho metodológico da pesquisa bem como os recursos analíticos usados, tais como: entrevistas, etnografia, observação de campo, entre outros. Com isso, inverte-se o caminho. A questão passa a ser não o que determinada teoria informa sobre o estudo das identidades, mas o quanto determinado método informa sobre o tema das identidades. Inquirir sobre identidades é tratar do subjetivo, das percepções, da imagem e das representações simbólicas; estas, por seu turno, não se deixam flagrar à primeira vista. Espera-se, por essa razão, sublinhar a importância do "contexto de fala" em pesquisas com esse tema.

**Palavras-Chave:** Identidades; Trabalho; Metodologia qualitativa.

### Abstract

This paper argues about methodological stalemates and challenges in researches which addressing the issue of identity. It is not about to confront different theoretical perspectives but rather, the aim is to analyze the scope and potential of methodological resources employed in empirical research. To promote this reflection we use an example of the results of a field research which is still in progress, the aim



of this survey is to analyze the constitution of identities among seasonal workers of harvest sugar cane in Brazil. Despite the unusual context of this work situation, which is rural, poor, and motivates seasonal migration to other states; the aim here is to discuss the methodological approach of this research, which is based on interviews, ethnography, and field observation, among others. This is a different way of think. The question becomes not what a particular theory reveals about identities study, but what certain method reveals about this theme. Once you have to study the theme of identities, you need to dealing with subjective perceptions, image and symbolic representations, this sort of issue do not allow be apprehended in the first sight. Therefore, we intend to stress the importance of "context speech" in this sort of research.

**Keywords:** Identities; Work; Qualitative methodology.

## Resumé

Cet article propose une réflexion sur les dilemmes et les défis méthodologiques qui se posent aux recherches portant sur la question de l'identité. L'objectif n'est pas de confronter différents points de vue théoriques, mais plutôt, d'analyser la portée et l'impact potentiel des ressources méthodologiques employées dans les recherches empiriques sur ce sujet. Pour nourrir cette réflexion, nous utilisons comme exemples les résultats d'une enquête de terrain qui est toujours en cours et qui vise à analyser la constitution des identités chez les travailleurs saisonniers coupeurs de canne à sucre au Brésil. Malgré la spécificité de l'analyse du contexte de travail analysé, qui est rural, pauvre et qui motive la migration saisonnière vers d'autres États, le but ici est de discuter la conception méthodologique de la recherche et des ressources analytiques utilisées, telles que les entretiens, l'ethnographie, l'observation sur le terrain, entre autres. Ainsi la démarche s'inverse. La question revient à traiter non pas ce qu'une théorie particulière informe sur l'étude des identités, mais ce qu'une méthode particulière informe sur le thème de l'identité. Effectuer une recherche sur les identités signifie traiter de perceptions subjectives, de l'image et des représentations symboliques, lesquelles ne se laissent pas observer au premier examen. Nous prétendons ainsi mettre l'accent sur l'importance du «contexte du discours» dans des recherches sur ce sujet.

**Mots-clés:** Identités; Travail; Méthodologie qualitative.



## Introdução

O crescimento da lavoura da cana-de-açúcar, nos últimos anos, alterou significativamente a paisagem rural brasileira. Com a promoção do etanol como combustível “limpo”, o Brasil viu saltar exponencialmente a sua área plantada de cana, que motivou a abertura de novas unidades produtivas nos tradicionais centros produtores de açúcar e álcool. Por via de consequência, o mercado de trabalho do setor também sentiu o impacto das mudanças. A implantação de avançada tecnologia no cultivo e na colheita da cana-de-açúcar, sobretudo com o avanço da mecanização do corte, a proposta de extinção das queimadas, entre outros aspectos, ainda convive com formas precárias de trabalho. Essa aparente contradição acaba sendo um traço saliente do complexo sucroalcooleiro.

Em meio a esse turbilhão de mudanças, como agem e pensam, em suas estratégias de sobrevivência ocupacional, os que trabalham no corte da cana? Esse artigo é parte integrante de uma pesquisa ainda em andamento e que tem como objetivo analisar a maneira pela qual se erigem identidades no contexto do trabalho sazonal. Os sujeitos da pesquisa são cortadores de cana que vivenciam uma modalidade atípica de vínculo ocupacional, uma vez que são empregados somente nos períodos da safra de cana-de-açúcar. O suposto é o de as identidades fundamentam estratégias de ação. Isso posto, interessa agora tratar da maneira como estamos incorporando a noção de identidades.

### 1.1. Balizamentos iniciais.

O primeiro desafio metodológico surgiu com a necessidade de estabelecer algumas diferenciações conceituais e, ao fazê-lo, permitir aclarar a forma como foi incorporada a noção de identidades. Começamos exatamente por aí, pelo tema que está no coração do interesse investigativo. Assim sendo, por “identidades” queremos aludir a um fenômeno que:

- assume uma pluralidade de formas de manifestação;
- pressupõe alteridade(s);
- não é irreduzível à identidade de classe, de gênero, de etnia, etc.
- compreende, ao mesmo tempo, as dimensões da experiência, do interesse e do compartilhamento.

A referência à “identidades,” no plural, já revela uma opção analítica distante da reivindicação de uma identidade reificada, putativa, que operaria como o eixo único e necessário de orientação da conduta dos indivíduos. Significa reconhecer,



também, que ela é multifacetada e contingente, estando sujeita a constantes reformulações. Já o pressuposto da alteridade relaciona-se com o processo de diferenciação entre o “eu” e os “outros”, onde as diferenças são constitutivas das identidades. Há também a sua dimensão enquanto experiência, ou seja, é a forma pela qual os indivíduos apreendem, no sentido subjetivo, as situações vividas nos diferentes espaços de sociabilidade e são capazes de reuni-las em torno de formas de representação identitária. As identidades também se apresentam enquanto interesses, no sentido propositivo. Os interesses organizam a conduta, tanto em sua dimensão individual, quanto em sua dimensão coletiva. O compartilhamento de interesses é outro elemento importante a demarcar identidades. Entretanto, os caminhos pelos quais tal compartilhamento se estabelece e a possibilidade de que resulte em ação não estão dados previamente, no sentido de que sejam determinados em virtude de alguma qualidade intrínseca ao sujeito (seja a sua posição social, sejam marcadores de diferenças como gênero, geração, raça, etnia, origem regional, só para aludir a alguns dentre eles).

Dizendo-o de maneira sintética, essa demarcação prévia sobre o modo como a noção de identidades foi incorporada afastou a possibilidade de se atribuir um sentido ao termo do qual não estava próximo do nosso interesse analítico. Ademais, ao circunscrever as formas que ela poderia assumir a partir da realidade empírica, estávamos distantes de reivindicar alguma prioridade semântica sobre a questão das identidades. Trata-se de um rigor metodológico, antes mesmo que teórico.

Ao prosseguir nessa tarefa, tornou-se necessário, ainda, diferenciar “identidades de trabalho” de “identidades profissionais”, domínios igualmente relevantes no campo da sociologia e analiticamente acercados. Isso porque, remeter a análise a profissões supõe assumir:

- a demarcação de um campo de saberes e competências;
- a institucionalização desses espaços e regras demarcados;
- a existência de hierarquias em cada domínio profissional;
- a divisão/expressão desta entre cargos e funções;

Entretanto, uma vez que o tema da pesquisa procurou circunscrever o modo como se erigem “identidades de trabalho” entre os cortadores de cana, não decorre daí que seriam “identidades profissionais”. Ao invés, pretende-se fazê-la dialogar com a perspectiva das identidades profissionais. Várias razões nos levaram a entender frutífera essa fertilização recíproca entre abordagens.

Em primeiro lugar, é certo que a atividade laboral dos investigados – os cortadores



de cana – está, entre nós, formalmente constituída como uma profissão, institucionalizada e, por isso mesmo, contempla, nos locais de trabalho, um quadro de hierarquia, competências e funções. Todavia, essa dimensão profissional da identidade mostrou-se pouco efetiva enquanto elemento de organização do significado e como motor de orientação a pautar a conduta dos indivíduos; daí porque, antevíamos a possibilidade de encontrá-la pouco presente no discurso dos que estão envolvidos nas situações de trabalho em tela. Por isso mesmo, conquanto tenhamos no conceito de identidades de trabalho a categoria de maior valor heurístico, por sua capacidade de melhor abarcar as especificidades dessa prática laboral, convinha problematizar nas entrevistas quando, como e para quem a identidade profissional se constitui num balizador importante das identidades do trabalho.

Em segundo lugar, e em decorrência do anterior, podem haver experiências que, não obstante tecidas no âmbito do trabalho, se assentem sobre domínios do vivido que escapem àquilo que analiticamente demarcamos como relativo à experiência do seu exercício enquanto profissão. Assim, com essa cautela no levantamento empírico de campo, foi possível investigar como representações e práticas que constituem a experiência vivida no âmbito do trabalho podem ecoar, internalizando no contexto laboral, significados extra-profissionais; isto é, significados tecidos mais além dos campos dos saberes e competências, dos espaços e regras, das hierarquias e funções, social e institucionalmente associadas a profissões específicas.

Em terceiro lugar, porque a experiência do trabalho não se constitui apenas na usina, onde se vivem e expressam as identidades profissionais, mas se forja em diálogo com outros espaços de sociabilidade tais como a família e a comunidade, para os quais o trabalho é um elemento importante para conferir (ou retirar) reconhecimento ao indivíduo. Logo, e também por isso, a experiência vivida no trabalho e que se expressa em construções identitárias, se nutre, mas também desborda, a experiência do exercício de uma profissão. Nesse sentido, o trabalho de campo teve o cuidado de abarcar trabalhadores suficientemente distintos por sua inserção extra-trabalho, de maneira a se entender como distintas identidades de trabalho são tributárias de normas, valores e significados que resultam da internalização, no trabalho, de códigos resultantes de identidades outras.

É evidente, por fim, que identidades de trabalho e identidades profissionais não são reificações e, nesse sentido, suas fronteiras estão longe de serem claras quando as vemos operando na construção das práticas e representações de indivíduos



concretos. Elas são antes instrumentos heurísticos, construções conceituais produzidas pelo pesquisador, cujo valor analítico está em sistematizar a complexidade que caracteriza a realidade empírica.

Tradicionalmente, as pesquisas ligadas à questão da experiência do trabalho observaram, em sua maioria, espaços fabris urbanos. Delas difere o nosso estudo. Ele toma como objeto uma categoria de trabalhadores que possui algumas particularidades, analiticamente desafiadoras. A primeira delas é a própria relação com o trabalho, que é "sazonal". O que os motiva a migrar em busca de trabalho entre as diferentes regiões produtoras. A segunda, evidencia-se na relação com um tipo de trabalho constantemente associado a situações que o fazem degradado e precário. Por fim, trata-se de uma atividade realizada em ambiente rural, muito próxima, mais das vezes, das atividades já realizadas pelo próprio indivíduo trabalhador anteriormente como componês, em sua lida diária no campo; e muito distante do ambiente fabril costumeiramente tratado como objeto pela sociologia, mas recorrentemente confrontado pelo trabalhador em sua experiência de vínculos fragmentários e recorrentes com o trabalho na agroindústria da cana. Todas essas particularidades fazem com que tenhamos nosso interesse voltado a entender um grupo de trabalhadores que, *stricto sensu*, pouco aparece nas pesquisas sobre os processos constitutivos de identidades de trabalho, tal como disponíveis na sociologia brasileira do trabalho.

Na boa tradição da Sociologia, a forma através da qual foi pensada a questão das identidades de trabalho descende, em boa parte, dos estudos sobre classe, contudo, a eles ela não ficou restrita. Com efeito, essa foi uma questão central em estudos hoje tidos como clássicos no nosso campo disciplinar, como o de Everett Hughes, *Man and their Work* (1964), ou o de Renaud Sainsaulieu, *L'identité au travail: Les effets culturels de l'organisation* (1988), apenas para ficarmos com dois exemplos seminais. Mas, na maneira como o abordamos, sublinhou-se o aspecto contingente das interações humanas, condição para uma ancoragem da idéia de que as identidades são "negociadas".

Do mesmo modo, como lembra Dubar (2005), não é possível um estudo sobre as identidades que não leve em consideração os processos de socialização a partir do qual elas são forjadas. Com efeito, tal processo envolve sempre uma construção, desconstrução e reconstrução das identidades, sejam elas quais forem. Ainda de acordo com esse autor, não é possível reduzir os atores sociais a categorias preestabelecidas, quaisquer que sejam elas, usando a análise das práticas e das representações como um mero artifício para "bem" identificar os atributos que



fazem dos indivíduos reais personificações de constructos analíticos. Interessamos, antes, perceber a maneira pela qual esses atores se identificam e, ao fazê-lo, encontram domínios de comunalidade que os aproximam e articulam, uns a outros, tanto quanto estabelecem domínios de diferenciação, que os apartam de outros tantos. Nessa perspectiva, torna-se primordial a definição do que Dubar (2005) chamou de “contextos de ação”, ou seja, o lugar a partir do qual os indivíduos se definem e definem os outros. É nesse contexto de ação que os indivíduos articulam aquilo que pertence à situação dada, culturalmente marcada, com aquilo que representa a sua trajetória subjetiva.

Acentuar o caráter frágil e provisório da identidade significa recusar qualquer abordagem de caráter essencialista, na qual a prescrição normativa que advém da suposta “essência” dos objetos e das posições se impõe sobre os indivíduos de maneira quase irrecusável. Nesse tipo de interpretação, ser negro significa necessariamente pensar e agir como negro, ser pobre significa pensar e agir como pobre, ser operário significa pensar e agir como operário.

Por essa razão, recuperamos um suposto comum de que os modos de identificação estão estreitamente vinculados à linguagem (Lévi- Strauss, 1983; Strauss, 1999; Woodward, 2000; Kaufmann, 2004; Bauman, 2005; Dubar, 2007). Investigar como se nomeia, como se classifica, constitui um território rico para entender como transparecem os “contextos de ação” e como, neles, se estabelecem os domínios constitutivos das identidades. Isso porque, o ato de nomear, já o afirmara Strauss (1999), não apenas indica um objeto, mas também o identifica em um sentido mais abrangente. Mas é justamente aqui que surge uma questão desafiadora do ponto de vista metodológico, a saber, como apreender no discurso dos indivíduos os significados simbólicos atribuídos a sua ação, a dimensão do indizível, sendo capaz de distinguir possíveis vieses que induzem a uma falsa representação identitária?

Os resultados aqui apresentados, oriundos de entrevistas acerca da trajetória de vida desses trabalhadores, fundamentam a discussão sobre os recursos metodológicos empregados para tornar aparente essa questão. Uma vez que as identidades não se deixam flagrar facilmente, não se revelam à primeira vista, estudá-las constitui antes um desafio metodológico. Por essa razão, este artigo pretende explorar as estratégias envolvidas na pesquisa de campo realizada com os trabalhadores e o modo como elas foram sendo testadas e validadas.



## 1.2. Sobre palavras e significados: o problema da mediação da linguagem.

O uso da entrevista como técnica de pesquisa é bastante comum em estudos sobre o tema das identidades. Uma vez que o discurso constitui uma via de acesso ao universo das representações simbólicas, é fácil supor que um bom roteiro de entrevista garantiria a captura do elemento investigado. No entanto, a mediação da linguagem é capaz de criar vieses antes impensados. É disso que trataremos doravante com os exemplos extraídos da pesquisa anteriormente referida.

Na pesquisa de campo, usamos um roteiro de entrevista semi-diretiva com vistas a explorar a técnica da história de vida. Também ficou decidido que não faríamos entrevistas em grupo uma vez que o leque de questões/tema a ser explorado envolvia muitas perguntas particulares que, se respondidas em grupo, geraria muito desconforto por parte do entrevistado. É sabido o hiato que pode existir entre a fala em grupo e na ausência do grupo. Ademais, e de acordo com o planejamento das atividades de campo, achamos que as entrevistas deveriam ser realizadas fora dos locais de trabalho, não apenas em razão das dificuldades de acesso aos mesmos, mas em virtude de propiciar um ambiente de conforto para que o entrevistado pudesse falar sem constrangimentos. Por fim, as questões/tema foram elaboradas em razão da sua capacidade de nutrir o nosso problema de pesquisa. Um pré-teste ocorreu para testar a validade do roteiro de entrevista e que motivou algumas alterações, o que já era esperado. A composição do universo amostral, a seleção dos sujeitos que fariam parte da entrevista, levou em consideração: a trajetória ocupacional, a experiência ou não de migração, os locais de moradia, a idade, o gênero e a proveniência. Essas categorias haviam sido detectadas como importantes em fases anteriores da pesquisa de campo. Com efeito, era preciso compor uma amostra suficientemente heterogênea capaz de garantir uma pluralidade de discursos, sempre em razão do elemento investigado.

Mesmo com essas “garantias” metodológicas, o pesquisador não está a salvo de vieses. Vejamos como alguns deles podem surgir.

Após apresentação prévia do pesquisador e dos motivos da pesquisa, uma das perguntas questionava de modo direto a respeito da profissão do entrevistado: “qual a sua profissão?” Não foi necessário colher muitas respostas para atentar sobre dois detalhes. Primeiro, surgiu um problema com a semântica da palavra “profissão”. Curiosamente, os entrevistados não consideravam a sua atividade de trabalho uma profissão; “cortar cana” não é profissão. Assim sendo, as respostas convergiam para “trabalhador rural” (tal como aparecia em sua carteira de



trabalho) ou outro trabalho considerado por ele como profissão, tais como: padeiro, pedreiro, caminhoneiro, entre outras. Ou ainda mencionava outra atividade de trabalho exercida – a exemplo de “agricultor” – que em sua consideração era mais importante do que a sua atividade laboral atual. Segundo, e decorre do primeiro apontamento, os sentidos atribuídos às perguntas nem sempre são os mesmos dos entrevistados. Especialmente no caso em tela, quando entrevistamos trabalhadores que, mais das vezes, apresentam baixa escolaridade e vivem em ambiente rural.

Com isso, se o que está aparente é o problema semântico com o termo “profissão”, subjaz outra interpretação, imprescindível sobre o tema das identidades, a saber: havia ali uma “identidade negada”. Ou seja, o indivíduo representava negativamente a sua ocupação ao não considerá-la, sequer, uma profissão. Claro está que, a mediação da linguagem tornava possível o que a realidade lhes parecia negar, a saber, manipular o sentido das coisas.

Em outra ocasião, perguntávamos se o entrevistado já havia judicializado algum problema trabalhista. Todos os respondentes negavam já tê-lo feito. Mesmo a participação em alguma greve – ou interrupção momentânea do trabalho – era negada. Se déssemos por satisfeito, tais respostas poderiam induzir a uma conclusão bastante comum em algumas abordagens: a de que os trabalhadores eram passivos, “alienados”, submissos, entre outros enquadramentos semelhantes. Contudo, e em condordância com o argumento de Scott (1985 e 1990), essa aparente negação de resistência esconde na verdade uma ação silente. Mais condizente com as opções disponíveis naquela realidade de trabalho e menos de acordo com o usualmente esperado pelo pesquisador. Desse modo, criava-se uma imagem – claramente associada a passividade – propositalmente construída como estratégia de defesa.

Não obstante, quando voltávamos a inquirir a respeito de outras ações defensivas contra desmandos ou ilegalidades de trabalho, eis que surgia outro discurso. Nunca havia posto uma questão na justiça, porém, já havia parado um dia de trabalho (geralmente em grupo) por algum motivo. Era ciente de que havia um roubo na forma de medir a sua produção, que resultava em baixos salários; todavia, regulava o ritmo do trabalho a seu favor. Diminuindo a produção. Depreende-se que ele estava operando em outra margem de ação. Longe da aparente imagem de passividade, existia um amplo e diverso arranjo de formas de resistência.

A mediação da linguagem cria um campo de ação que é estrategicamente manipulado pelos indivíduos. Os enunciados, por conseguinte, assumem também



um caráter propositivo (Habermas, 2012), comportam uma intencionalidade (Searle, 2010). Por via de consequência, ao que supomos, em pesquisas com abordagem qualitativa, que fazem uso de técnicas tais como a entrevista, torna-se imprescindível enfrentar os problemas de mediação da linguagem sob pena de distorcer a realidade. Não só isso, por diversas vezes fomos confrontados a interpretar o indizível, o silêncio, os gestos, as ações, ou seja, elementos que, malgrado não sejam verbalizados, são ricos em significados. Decerto há uma intenção de comunicação que não se exprime através de palavras. É uma variante da identidade que se apresenta sutilmente. Por vezes, a recusa em comunicar, ou discursos aparentemente sem coerência, informam mais do que histórias coesas, estruturadas e longas.

Afeito ao formalismo lógico, o pesquisador espera obter com a entrevista um discurso próximo do seu universo simbólico, entretanto, o campo semântico sobre o qual se estrutura a gramática do entrevistado pode operar em outra lógica. Importa, pois, revisar constantemente o método para poder apreender essas diferentes dimensões sobre as quais se erigem as identidades. Eis aí o desafio.

## Referências

- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dubar, C. (2005). *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2007). *La Crise des Identités: L'interprétation d'une mutation*. 3 ed. Paris: Puf.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do Agir Comunicativo*. São Paulo: editora WMF Martins Fontes.
- Hughes, E. C. (1964). *Man and Their Work*. London: Collier-Macmillan.
- Kaufmann, J.-C. (2004). *A Invenção de Si: uma teoria da identidade*. Lisboa: Armand Colin.
- Levi-Strauss, C. (1983). *L'Identite*. Paris: Quadrige.
- Sansaulieu, R. (2001). «A identidade no trabalho ontem e hoje». *Revista Contemporaneidade e Educação*. Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada, 1ºsem. pp. 56-73.
- Scott, J. C. (1985). *Weapons Of The Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. Yale University.



# Tecnologias da Informação em Educação

nº e special

2º

CONGRESSO  
LUSO-BRASILEIRO  
EM INVESTIGAÇÃO  
QUALITATIVA

**Indagatio Didactica**, vol. 5(2), outubro 2013

ISSN: 1647-3582

- \_\_\_\_\_. (1990). *Domination and the Arts of Resistance: hidden transcripts*. Michigan: Yale University Press and New Haven and London.
- Searle, J. R. *Consciência e Linguagem*. (2010). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Strauss, A. L. (1999). *Espelhos e Máscaras: a busca de identidade*. São Paulo: Edusp.
- Woodward, K. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. SILVA, T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.